

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p.

*Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva**

Mikhail Bakhtin

Teoria do romance I A estilística

Tradução, prefácio, notas e glossário
Paulo Bezerra

Organização da edição russa
Serguei Botcharov e Vadim Kójinov

editora  34

* Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; appucci@ufba.br

Serguei Botcharov (1929) e Vadim Kójinov (1930-2001) herdaram os direitos autorais da obra de Bakhtin. No início da década de 1960, quando ainda eram jovens estudantes em Moscou, foram responsáveis, com outro colega, Géorgui Gachev, pelo fenômeno da redescoberta de Bakhtin. Isso se deveu ao empenho dos jovens em editar os trabalhos do autor, cujos textos conheceram em seminários da pós-graduação.

A redescoberta, de certa forma, continua até hoje. Empenhado em recuperar os originais de Bakhtin, Botcharov foi um dos protagonistas do projeto da nova edição russa de suas *Obras reunidas*¹. Dentre os resultados desse projeto, há uma nova edição do trabalho *A teoria do romance*, escrito por Bakhtin nos anos 1930. Essa edição corresponde ao terceiro tomo das *Obras reunidas* e foi publicada na Rússia apenas em 2012, mas tanto Kójinov como Botcharov trabalharam em sua organização.

Em relação à edição anterior, de 1975, intitulada *Vopróssi literaturi e estétiki*, traduzida no Brasil como *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance², em primeira edição de 1988, há significativas diferenças no volume publicado em russo, em 2012.

Uma alteração visível apenas por via da comparação dos sumários é a supressão do ensaio que constitui o capítulo inicial de *Questões de literatura e de estética*, ou seja, O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária, de 1924. Tal ensaio, nas *Obras reunidas* em russo, está no Tomo 1, de 2003, que reúne trabalhos sobre filosofia e estética publicados majoritariamente na década de 1920.

Mais significativa diferença, porém, reside na base do novo volume, que é o original datilografado por Bakhtin, recuperado pelos já citados organizadores. A nova edição russa incorpora, como notas de rodapé, todas as anotações feitas à mão pelo pensador russo, além de trazer também, com clara distinção sobre a natureza de cada inserção, as notas do texto original que já eram conhecidas dos leitores da publicação anterior.

Ao leitor brasileiro ainda cabe o privilégio de ter mais uma tradução diretamente do russo da obra bakhtiniana *Teoria do romance*. Nosso *Questões de literatura e de*

¹ Sobre essa edição, ver a resenha de Sheila Grillo em *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.170-174, 1º sem. 2009. A autora gentilmente nos cedeu as seguintes informações: o projeto inicial previa a publicação dos sete tomos citados na resenha, mas o sétimo, que traria as obras de autoria disputada, não será realizado. Os demais tomos foram publicados e o projeto está concluído.

² BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 5 ed. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1993.

estética. A teoria do romance³ também veio de forma direta da língua russa e sua tradução foi realizada por uma equipe liderada pela pesquisadora Aurora Feroni Bernardini. É um trabalho de qualidade incontestável, que ganha, em 2015, a possibilidade do diálogo com a tradução de Paulo Bezerra, nome de destaque no cenário da recepção das obras de Bakhtin no Brasil.

Paulo Bezerra, de fato, é um dos expoentes dos estudos bakhtinianos no Brasil. Sua carreira docente estendeu-se pela Universidade de São Paulo/USP, onde defendeu a livre-docência, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UFRJ e pela Universidade Federal Fluminense/UFF, na qual, já aposentado, continua a atuar como professor de crítica literária. Na página 253 de *Teoria do romance I: a estilística*, a seção identificada como Sobre o tradutor traz mais detalhes de sua carreira, além de listar algumas das mais de quarenta obras que Paulo já traduziu do russo, com destaque para títulos assinados por Dostoiévski.

Paulo Bezerra é também responsável pelas edições traduzidas diretamente do russo de importantes obras de Bakhtin, como *Estética da criação verbal*⁴ e *Problemas da poética de Dostoiévski*⁵. Seu conhecimento profundo do horizonte cultural da Rússia e seu empenho por sua divulgação foram reconhecidos pelo governo daquele país, que lhe concedeu, em 2012, a Medalha Púchkin. É, portanto, o mediador ideal para que o leitor brasileiro estabeleça um diálogo com a voz de Bakhtin em *Teoria do romance I. A estilística*.

As badanas do livro trazem uma apresentação de Cristóvão Tezza, que ressalta, como leitor apaixonado, a importância do trabalho de Bakhtin que o leitor tem em mão.

No prefácio, Bezerra contextualiza a nova tradução, explica algumas decisões dos organizadores e narra a *gestação* do trabalho *Teoria do romance* por Bakhtin. Também apresenta a decisão, que atribui a si e à editora, de publicar no Brasil a nova e definitiva versão de *Teoria do romance* em três volumes. Na última subseção, intitulada Esta tradução, Bezerra aponta, com elegância, para lacunas ou incoerências que afetam algumas edições em português da obra de Bakhtin e questiona as consequências que elas podem gerar na apreensão do pensamento bakhtiniano. Um destaque nesta

³ Ver nota anterior para referências.

⁴ BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁵ BAKHTIN, M.M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. revista. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.

discussão é a justificativa de sua escolha pelo termo *heterodiscurso* para o conceito anteriormente traduzido como *heteroglossia* ou *plurilinguismo*.

No corpo do texto, nesse primeiro volume, apresenta-se, em comparação com a tradução anterior, apenas o capítulo O discurso no Romance. Estão ausentes, portanto, capítulos nomeados em *Questões de literatura e de estética* como Formas de Tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica) e suas subdivisões, bem como Da pré-história do discurso romanesco; Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance) e Rabelais e Gógol (Arte do discurso e cultura cômica popular).

O leitor que conhece *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*⁶ notará, ainda, a inclusão de um subtítulo para a introdução do único capítulo presente na nova tradução: As questões da estilística do romance. Na edição anterior, apenas dois parágrafos, reunidos em uma única página, (p.71, na edição de 1993), constituíam tal introdução. Na edição nova, além de ganhar um subtítulo, a introdução, de nove parágrafos divididos em três páginas e meia, tem acréscimos importantes de considerações de Bakhtin sobre os desafios de se elaborar um estudo sobre a linguagem do romance “à luz das ideias do realismo socialista” (BAKHTIN, 2015, p.19).

Nos demais subtítulos do capítulo O discurso no romance, há importantes alterações, já que na edição anterior as anotações manuscritas de Bakhtin haviam sido ora suprimidas, ora inclusas no corpo do texto, e não como notas de rodapé.

Veja-se, por exemplo, a nota que indica uma anotação manuscrita de Bakhtin na página 42 de *Teoria do romance I: a estilística*: “A comunhão de cada enunciado com um ‘língua única’ [...] e, ao mesmo tempo, com o heterodiscurso social e histórico (forças centrífugas, estratificadoras)”. Em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, essa nota foi incorporada ao texto, fechando o segundo parágrafo que se inicia na página 82 (edição de 1993).

O mesmo se observa em diversos outros pontos, como a nota correspondente a um trecho manuscrito de Bakhtin na página 137 da nova tradução, sobre a palavra autoritária: “A zona do contexto moldurador também deve ser distante, aí, o contato familiar é impossível O descendente distante percebe e interpreta; a discussão é impossível”. Tal nota, na edição anterior, estava incorporada ao texto, aparecendo no terceiro parágrafo da página 144 (edição de 1993).

⁶ Ver nota 2.

Perceber o que estava à margem, como reflexão ainda não incorporada ao texto, leva o leitor a compreender que, por vezes, o que pode parecer uma ideia truncada ou circular não estava, na verdade, inserido por Bakhtin no fio de seu discurso. Essa é uma das grandes contribuições da nova edição russa e do novo trabalho de tradução de Bezerra.

Voltando às diferenças no sumário, os subtítulos do capítulo O discurso no romance, na tradução anterior, eram os seguintes: I A estilística contemporânea e o romance; II O discurso na poesia e o discurso no romance; III O plurilinguismo no romance; IV A pessoa que fala no romance e V Duas linhas estilísticas do romance europeu. Na nova tradução, encontramos: 1. A estilística atual e o romance; 2. O discurso na poesia e o discurso no romance; 3. O heterodiscurso no romance; 4. O falante no romance e 5. As duas linhas estilísticas do romance europeu.

Notas do tradutor explicam a maioria das escolhas que acarretaram as mudanças mais significativas em termos lexicais. O leitor ainda tem à disposição, no final do livro, a seção Breve glossário de alguns conceitos-chave, em que Bezerra traz muitos termos no original russo, em alfabeto cirílico, sua transliteração para o alfabeto latino, uma breve explanação do conceito e a justificativa das escolhas de tradução.

A obra *Teoria do romance I: a estilística* é o início de um novo diálogo com um dos textos de Bakhtin mais conhecidos pelos pesquisadores brasileiros. Conhecer uma forma que se aproxima mais do original datilografado não poderia deixar de ser, para bakhtinianos, a entrada num novo mundo de sentidos e de conteúdos por essa forma gerados.

Haverá, talvez, a concorrência de termos advindos de traduções diferentes para tratar de mesmos conceitos. É difícil prever se o termo heterodiscurso, talvez contaminado pela forma que remete a questões de gênero em embate com a heteronorma, substituirá o já consagrado termo plurilinguismo nos trabalhos dos pesquisadores brasileiros que se debruçam sobre o pensamento bakhtiniano, ou se a expressão “a pessoa que fala no romance” será naturalmente substituída por “o falante no romance”. Esses termos estiveram à nossa disposição por vinte e dois anos e povoam uma infinidade de publicações sobre os mais diversos tópicos de pesquisa à luz dos estudos bakhtinianos.

No entanto, a contribuição da nova tradução não pode, de maneira nenhuma, ser reduzida a uma maior precisão terminológica. Trata-se de um texto que se aproxima da voz de seu autor, do próprio acabamento estético que Bakhtin deu à sua obra. E contemplar esse trabalho na companhia de Paulo Bezerra é, indubitavelmente, um grande privilégio.

Recebido em 30/08/2015

Aprovado em 30/10/2015